

“MONTADO NA MORTE À PROCURA DA SORTE”: ESTUDO SOBRE FORMAS DE RESISTÊNCIAS, SOBREVIVÊNCIAS, SOCIABILIDADE E DE FAZER COM O PRESIDIO REGIONAL DO SERROTÃO.

RESUMO

O estudo busca confrontar os diversos relatos orais das distintas identidades entre detentos, agentes e diretores, no que se refere às atividades desenvolvidas na Penitenciária Regional do Serrotão, o que permitiu elaborar um corpus textual, que se articula com o que chamamos de “fazeres internos”, em seus três níveis : oficiais, oficializados e não oficiais. É nesse sentido que encontramos aporte metodológico na historia oral, voltada para o estudo das memórias e da resistência, mas também da historia cultural voltada às artes do fazer teórico, da mesma forma com que os populares elaboram suas práticas, circunscritas entre as suas formas de sociabilidade e de sobrevivência, atingindo uma complexa série de artefatos, que simbolicamente e factualmente potencializa o entendimento daquele interior sociocultural.

“Montado na Morte à Procura da Sorte”: Estudo sobre formas de resistências, sobrevivências, sociabilidade e de fazer com o Presídio Regional do Serrotão.

O preso, ele é que nem um pedaço de sabão molhado, na mão, na palma da mão, se você apertar esse pedaço de sabão ele vai sair por onde? (...) pelas brechas dos dedos, a mesma coisa é o preso, se você apertou ele demais ele sai por aqui, se você abre a mão, ele faz o que, o pedaço de sabão (...) ele escorrega, ele sai da mão, ele mata, ele bagunça, ele acaralha, ele faz tudo, então ele tem que tá aqui, toda vida, nem apertado, nem folgado.

Porque se você folgar é uma semana com rebelião, com morte, com tudo, se você apertar, tá todo mundo se esperneando do mesmo jeito ou pior ainda.

(...) igual a uma barra de sabão, pedaço de sabão, um pedaço de sabão molhado, se você aperta, acontece o que (...) ele escapa por entre o dedos, se você abre a mão, o que acontece ele cai ele foge na sua frente (Trecho de entrevista realizada com Marc, 2011).

Discutiremos aqui os principais métodos utilizados para a socialização entre os detentos desta instituição, bem como as formas de reconhecimento pelas identidades internas e, principalmente, as práticas de sobrevivência. Essas últimas, quase sempre levadas à cabo por via tática, exercidas por entre as falhas dos mecanismos de vigilância oficial e/ou fora deste, em sentido que se alastra dos pavilhões às celas, menos vigiadas diariamente, e pelos pátios, tomando corpo prático em toda a favela, tendo as “substituições” como principal forma de (re)elaboração da matéria prima conseguida e do desvio dos fins originais destes, chegando até a comunicação com as favelas externas. Ponto que nos traz preocupações com o retomar/evocar as teorias sobre o cotidiano e as formas com que se conduz o saber estratégico e os fazeres táticos, trazidas por Michel Certeau (1992-1994) e que no *Presídio Regional Agrícola do Serrotão* teimam em se combaterem e em se completarem.

O lugar que pretendo levar aportar o leitor é de em um cotidiano que, antes de tudo, é entendido como aquilo que nos é dado a cada dia, que pressiona e oprime através da pressão do presente, aquilo que nos prende a partir do interior, um mundo das memórias sensíveis dos lugares da infância, dos prazeres, mas, também, uma “historia irracional” (CERTEAU, 1994: 31).

O que interessa ao historiador do cotidiano é fazer emergir o invisível pela explicação das formas de fazer e modos de ação, presente nas suas interligações com as memórias. Perspectiva que visualizamos, a partir das contribuições “colhidas” nas

leituras de Certeau e, fabricada na interação com o ambiente e os protagonistas que lhes preenchem.

Dois motivos a habitação prática a “estrutura fervilhante da rua” (CERTEAU, 1994: 32) e a citação que dá título ao trabalho, sempre tocadas ironicamente por Severino dos Ramos Lima, Raminho, como nosso principal interlocutor, para assim podermos ampliarmos nossos contatos tanto quanto nossos entendimentos teóricos sobre as múltiplas e ritmadas atividades, que entre o desfrutar e o manipular, virtuosidades, se ligam ambas as artes de fazer fabril, tanto como a uma de arte de viver, escrita por presos anônimos em grafite “Só Deus é por nós CTPC”¹.

As articulações diárias, no interior da Instituição aqui focalizada, se dão em níveis individuais e de grupo, percebidas através da pesquisa de campo e interpretações das narrações sobre a realização de atividades, tais como, a prática de futebol; a ingestão de bebidas e drogas; a alimentação; o estudo; a utilização e limpeza dos pavilhões coletivos e individuais; ou a partir das práticas “não tão constantes”, em termos de decisões coletivas, como aquelas que se dão nos momentos de rebeliões reivindicatórias ou por disputas internas de facções, e decisões particulares (caso de pessoas condenadas à morte), além de algumas infrações do “Estatuto ético moral”² dos detentos, em que pese algumas punições aplicadas pela violência e força. Experiências próprias vividas pelos apenados cotidianamente e que, quando relatadas, esclarecem algumas das diversas significações do/no cárcere, servindo de balizadoras das atitudes aceitas ou não dentro daquele universo específico.

Aprendemos que primeiramente não podemos nos referir a saberes e poderes exercidos no interior do *Presídio Regional do Serrotão* desvinculando-os das

¹ Ainda hoje encontrada acima do pavilhão coletivo 3 e Colocada quando da rebelião mais sangrenta da história daquele presídio e como forma de simbolizar o novo comando que se iniciara em 2003.

² Quando nos referimos ao “Estatuto ético moral” dos detentos, estamos considerando aqui as normas que se institucionalizaram no universo das relações cotidianas do apenado e que ele deve levar em consideração antes de qualquer atitude que venha a cometer. Esse código “invisível” aparece com constância nas falas dos entrevistados. Ao que podemos depreender das entrevistas trata-se de um código culturalmente criado, visando estabelecer um Regimento que desde 2005 se mantém em vigor no Presídio do Serrotão, dando as diretrizes do que o detento não deve fazer para não ser “cobrado” ante seus companheiros e que, em última instância, regem pela integridade das visitas, limpeza, disciplina e comércio, tendo por elemento coordenador um único comando. Constando como “orientações” básicas: 1- não pode “caguetar” (vê, ouvi e calar); 2- não pode olhar visita de ninguém; 3- 17hs (dezesete) limpeza dos pavilhões; 4- 10hs lei do silêncio; 5- todo mundo pode ter comércio, emprestar a juro e alugar; 6- quem deve pagar ou fazer acordo; 7- não pode roubar nas celas (ratos de cadeia); 8- estuprador, “tarado” morre; 9- mortes só falando com o comando; 10- não descumprir o estatuto que acaba por impor regras onde existiam desmandos, ajudando-os a manterem-se distante da imposição da direção.

identidades fabricadas, mas, também, dos espaços e dos lugares onde são exercidos. Preocupação que nos aproximou de conceitos, concretizados como resultados de lutas em diferentes campos de localização entre lugares sociais, rendas e posição particular do indivíduo, produzindo símbolos que elaboram distinção. Assim, na concordância do que diz Bourdieu: “o espaço é também ao mesmo tempo um poder sobre o tempo” (BOURDIEU In BOURDIEU, 1997: 163), esses são os ganhos de ocupação e acumulação do espaço físico, a excluir a intrusão.

Articulação que alarga as suas experiências, “prende a um lugar” e transforma o apenado neste, por disputas para a apropriação do espaço e da ordem, quaisquer que sejam, a tomar uma forma individual no espaço hierarquizado, das lutas e reencontros que ocorrem tanto nas favelas externas e as referências às ruas populares de Certeau (1991-1994), quanto nas suas formas internas ao cárcere. Onde se tem que, o sucesso disso depende da experiência acumulada e das oportunidades de apropriação “dos diferentes bens e serviços materiais ou culturais”, numa interlocução que permite articular-se com as formas como Bourdieu teoriza sobre as relações entre o hábito e o habitat enquanto lugares forjados em uma relação de interdependência.

Por representações minúsculas, que a conveniência se encarrega de promulgar, sob as regras do uso social e pelo “gerenciamento simbólico das ruas” e das favelas, que na análise antropológica do seu terreno é equivalente à regra cultural, uma herança que ultrapassa o sujeito, implantando desvios e estereótipos admitidos. Lógica que é transferida para o interior da Instituição prisional. Assim, essa também vai ser articulada a partir do espaço reservado a cada indivíduo que a habita, o que nos permite transferir a compreensão da costura que se faz entre bairros, ruas, becos, etc., na compreensão da sociedade, para nossa leitura da disposição espacial que integra as prisões. De modo que, considerando a análise de Mayol (in CERTEAU, 1996) que nos coloca:

(...) a conveniência é o rito do bairro; cada usuário, por ela, se acha submetido a uma vida coletiva da qual assimila o léxico a fim de se dispor a uma estrutura de trocas que lhe permitirá, por sua vez, propor, articular os sinais do seu próprio reconhecimento. A conveniência subtrai à troca social os ‘ruídos’ que poderiam alterar a imagem do reconhecimento; é ela que filtra tudo o que não visa a clareza. Mas, e esta é a sua face positiva, se ela impõe a sua coerção, o faz em vista de um benefício ‘simbólico’ que se há de adquirir ou preservar (MAYOL in CERTEAU, 1996: 51).

Os fatos e gestos são máscaras que atravessam as relações no bairro, promovendo uma inserção pessoal indefinida, em que o tempo tem grande importância na elaboração das hierarquias das ruas. Situação que se transfere para os universos das fábricas e das prisões, transformando o Presídio Argemiro de Figueredo em Serrotão e seu sistema fechado em favela, porque nas prisões, os fatos e gestos atuam para a produção das identidades que vão ser reconhecidas ou não por seus “moradores”, de acordo com a localização espacial em que se encontram os indivíduos. Há, portanto, a fabricação de leituras que se dão pela observação de uns sobre outros, em uma rede que se distribui entre os agentes oficiais, em seus sentidos de representação e articulação, com seus aparentes opostos imediatos e no interior de ambos os mal vistos³.

Para isso utilizamos os dias de visitas em que visávamos entender os compartimentos que compõem aquela instituição prisional, mas, também, procuramos observar o que os “moradores” faziam ao longo do tempo em que permanecem na Instituição. Possibilidade que nos adveio pela associação entre observação e “coleta” de relatos sobre suas atividades diárias e suas relações com a criminalidade, imaginando a penitenciária como uma “outra fabrica de artesãos”, cujas práticas e produções oficiais ou não, servem fundamentalmente aos diversos interesses cotidianos e as relações de poder entre apenados e destes com os agentes institucionais, inserindo-os cada vez mais na cultura própria, interna àquele sistema prisional e dos grupos que o sustentam. Situação confirmada tanto por meio dos diversos artefatos produzidos pelos apenados, mas, principalmente, a partir dos relatos sobre as experiências nos fabricos de tais objetos, em meio às hierarquias e códigos internos.

Primeiramente sobre os fazeres oficiais; àqueles efetuados em favor da direção e que possibilita ao apenado “benefícios oficiais”, remuneração em dinheiro e/ou “remissões de pena”, o informante Tenente coloca:

Aqui há diversos tipos de trabalhos, que a parte administrativa é toda feita por apenados, só não tem na parte de segurança, mas nos outros locais tem mão de obra de presos na cozinha, na enfermagem, na parte administrativa, setor jurídico setor individual, esses serviços trazem ao preso a remissão de

³Primeiro em sentido da disputa entre policiais e agentes para controle da administração prisional e no segundo caso, os detentos que não têm boas relações com os demais.

pena e a remuneração (Trecho de entrevista com Tenente, 2007).

Articulando tal idéia às formas e efeitos dos poderes saberes estratégicos entre Certeau e Foucault, chegando à limpeza do mato dos arredores do presídio, pintura, eletrificação, agricultura na chácara, barbearia, panificação, estudo e cozinhas, tanto da direção quanto do seguro, que serve as refeições dos apenados de forma geral.

Para em seguida abordarmos o que chamamos de artefatos e fazeres oficializados, ou seja, os que teoricamente não deveriam ser permitidos, mas que na prática se costumou relevá-los, estabelecidos em dois sentidos os que permaneceram em vigência durante toda a pesquisa, esse é o caso dos chefes de pavilhões, da fabricação de artesanatos e construção dos mocós; Mas, também, dos fazeres e trabalhos extintos no decorrer da pesquisa e, mais especificamente, quando das mudanças das equipes de diretores, nesse sentido foram abolidas as antigas casas, apontadas pela polícia federal em 2008 como lugares que criavam privilégios. Sobre essa problemática o detento Val, auxiliar de enfermagem, que embora se recusasse a gravar entrevista, convertido ao evangelho e recentemente solto, nos conta em particular:

A musculação; o trabalho junto à direção, nos setores de processo e pessoal; criadores de galinhas e ovelhas foram proibidos. Já o comércio que se estende até a favela deforma dependente ou não da direção, ainda entre produtos lícitos ou não, se torna incontrolável nas favelas, esse é o ponto exato das articulações entre poderes e saberes estratégicos e táticos e sendo, pois, a cozinha o local de serviço de maior estabilidade nas prisões.

Apoiamo-nos em atividades e fabrico de artefatos próprios aos detentos, que proporcionem, não apenas, um relacionamento indenitário por meio de uma comunhão interna de interesses próprios e associações de poderes, conforme a elaboração das tatuagens de cadeias, mas para além disso. Busca que também nos trouxe narrativas pontuais como a que nos faz Betinho sobre a questão da tatuagem no presídio: “Hoje em dia ninguém faz uma tatuagem dessa mais, hoje é tudo moderno (...), fazia com o sumo da casca da laranja e a sandália japonesa queimada e pisado o pó, é improvisada a tinta, hoje em dia não” (trecho de narração com Betinho, 2008).

Consideramos as tatuagens como formas de fazer muito bem desenvolvidas, talvez no interior das penitenciárias em geral, mas, certamente na *Penitenciária*

Agrícola do Serrotão em específico, como podemos observar. As tatuagens são fabricos destinados a questões próprias dos internos, relações institucionalizantes e principalmente suas resistências as essas, nesse sentido, elas se fizeram atividades tão comuns que ganharam ares de oficialidade. Embora as tatuagens tenham seu vínculo com o crime negado por parte dos detentos, como no caso do matador de policial e estupradores, haja vista que “tarado é o primeiro que morre” (Trecho de entrevista com Marc, 2011).

Existem tatuagens que, embora tenham suas relações negadas, estão expostas às nossas vistas, como na grande maioria dos casos, assume, contudo, uma forma ambivalente: forte poder representacional ante os apenados. Verificamos casos de tatuagens como o sonho de liberdade, amor de mãe, cristo, âncora, cristo coitado, caveira com punhal acima da cabeça, dez pontos, três pontos (nas mãos), cruz de carvalho, facas, revólveres, entre outras.

As tatuagens próprias das cadeias são elaboradas por meio de substituições, bem como todos os artefatos aqui descritos, sendo esse o principal critério para análise quanto aos materiais não oficiais. Então como se dá o fabrico? as imagens são produzidas com uma agulha de crochê, inserindo suas pontas a um pequeno motor de gravador de pilha, em seguida risca-se a pele com os traços dos desenhos feitos através da rotação do motor que é preenchido com tinta de caneta azul, utilizadas em escritas das correspondências, chamadas internamente de “Catatau”, ou como Betinho disse: “com o pó das sandálias” e afixadas por pressão, deixando transparecer a péssima qualidade do improvisado, do seu fim e do estigma que essa propicia, mesmo fora do cárcere, fazendo perceber nestas o vínculo, pelo menos, entre o indivíduo e a instituição.

Pesos destinados a musculação, cachimbos e maricas⁴, seringas para o consumo de drogas, as bebidas, tipo “Maria Louca”, como comentam Raminho e Aldo:

tomar carraspana nesse frio, tomar carraspana é cachaça artesanal, ela é feita com laranja, arroz , - Fica álcool puro meu irmão , embebeda mesmo, o preço ta na faixa de 20r\$, 20r\$ deve tá o litro da cachimblema⁵. (Trecho de entrevista com Severino dos Ramos, “Raminho”, 2007).

⁴ Formas improvisadas de canudos e cachimbos usados no consumo de drogas.

⁵ Cachimblema que de forma irônica Raminho referencia como cachaça, chifre e problema.

Coloca o resto de comida, fruta o que tiver, enterra, depois pega lá, coloca, numa panela de pressão, pega uma liga e bota no bico da panela é a cadeira que eles chamam (Trecho de entrevista com Aldo, 2007).

Os Lençóis brancos com grafites são úteis para as reivindicações, no sentido de que a Revolução Francesa dos detentos, retira do lema: Liberdade, Igualdade e Fraternidade, quando da queda, mesmo que momentânea de suas bastilhas, formulam seus próprios ideais internos. Ideia de liberdade a que se liga a tatuagem do “Cavalo Alado”, conhecida como o sonho de liberdade. Justiça para que se agilize os processos de soltura, condenação e absolvição e a Paz, que reconhecidamente é adversa de todos naqueles espaços, como nos informa Raminho:

Os lençóis são usados quando da revista ou rebeliões, mas, também, para as divisões dos pavilhões coletivos quando da visita íntima, sendo esse o único elemento que privatiza a relação do apenado com a pessoa que vem visitá-lo para ter com ele relações sexuais.

Contudo, talvez os principais artefatos sejam aqueles destinados a garantir a sobrevivência do detento, é o caso dos espetos ou xuxos.

Você sabe que com uma gilete, uma caixinha dessas de gilete, gilete, gilete mesmo prestobarba, a lamina você serra uma grade, pois é cara e quando há rebelião, quebra-quebra, quando há rebelião e quebra-quebra, geralmente fica pedaços de ferro, grades quebradas (Trecho de entrevista com Severino dos Ramos, “Raminho”, 2007).

Esses são, sem dúvida, os principais responsáveis pelas mortes dentro das cadeias⁶, eis como vai se posicionar Marc diante de nosso interesse em indagá-lo: –Já escapasse de morrer ?

Só umas trezentas vezes, vou lhe contar só a ultima agora, agora quando eu ia chegando transferido na PB I, “Cachete”, ele disse aqui você não passa

⁶Difícilmente entra armas de fogo, pelo risco para os policiais e agentes, embora se tenha referencias a posse desses por parte de alguns “eleitos”.

cinco dias vivo, eu disse é? você pode mais do que Deus? pouco tempo depois mataram ele lá mesmo (...) na chapa, acho que foi uma desavença com uns caras de lá (Trecho de entrevista com “Marc”, 2011).

Já as “terezas” são cordas feitas com os lençóis entrelaçados com ferros nas pontas, destinadas às fugas⁷, junto com os túneis ou tatus. Sobre os túneis Aldo comenta: “Eles tampa, mas não tampam direito, aí o cara cava de outro canto, aí faz o L, até o cara conseguir ir embora”. (Trecho de entrevista com Aldo, 2007).

Essas são formas específicas de um conjunto de atividades que estão associadas à sobrevivência no interior ou fora das instituições.

Fazendo a associação entre trabalho e lazer, duas regiões de atividade humana que se repetem e se reforçam difundindo as técnicas culturais, por táticas desviacionistas que não obedecem à lei do lugar, já que a manipula, altera e tira partido desta, através de maneiras plurais de utilizar a ordem imposta por meio da criatividade, gerando efeitos imprevistos, dentro daquela aculturação⁸, eis as relações com inimizades construídas nos anos de cárcere, encontro destes em outras instituições, ameaças e mortes, contadas por Marc.

Mas, que segue um repertório de operações próprias, “diante de uma produção racionalizada, expansionista, centralizadora, espetacular e barulhenta posta - e uma produção de tipo totalmente diverso” (CERTEAU, 1994: 94), na arte de utilizar os materiais impostos para outros fins, são as mesmas coisas que os meios populares fazem com as culturas de elite no sentido lingüístico, pela “vulgarização”, a tomar o poder da cultura dominadora “o locatário produz operações”, no jogo entre o forte e as ações empreendidas pelos fracos, entre esses e contra esses como mostrou Marc, Ramin e o Tenente.

Produtores desconhecidos da racionalidade funcionalista, continuando

⁷Aquisição do alvará, o mesmo conseguido pelo detento quando de sua soltura.

⁸E o perigo em que essa consiste para o observador participante, que teima em não ser atuante.

heterogêneos aos sistemas pelas astúcias, interesses e desejos diferentes em uma rede que as estatísticas não dão conta: “fazer com”, sobre as maneiras do que é usado e como é usado. As distinções sobre estratégias e táticas, a primeira postulando um lugar onde só podem gerir as relações pela racionalidade, em um sentido que na prisão sempre transforma a imposição da direção em relação aos apenados, que num lugar autônomo e seu domínio panóptico, é esfarelado pelo poder do saber originário, mais que pelo poder saber militar “O poder é a preliminar deste saber” (CERTEAU, 1994:100).

Já a tática é determinada pela ausência de um próprio, sua autonomia encontra lugar apenas no outro, “tática é movimento dentro do campo de visão do inimigo” (CERTEAU, 1994: 100), um “não lugar” de mobilidade entre o tempo e as possibilidades, “a tática é determinada pela ausência de poder, assim como a estratégia é organizada pelo postulado de um poder” (CERTEAU, 1994: 101), as táticas são intervenções transformadas em situação favorável, mudam o espaço, uma estratégia do dominado no domínio alheio “arte da guerra cotidiana” (CERTEAU, 1994: 102).

Eis que se consegue, dessa forma, compreender os laços que unem as práticas dos indivíduos em suas relações com dois mundos, o do exterior da fábrica, mas principalmente com o interior dela em sua forma original, sentidos também pelos supostamente não afeitos à condição operária, bem como os seus dois modos de vida interno, um aparente para observação dos agentes oficiais e outro em suas interações com os “companheiros”, sob uma maneira de observação das formas de condutas internas pelas formas do fazer, aqui num sentido distinto do senso comum e da divisão do trabalho.

Que não chegam à formulação de hipótese, nem de grandes pressupostos, não admitindo a distância das possibilidades de julgamento, mas proximidade das posições “no interior da empresa e jogos da reputação no espaço da residência” (WEBER, 2009: 16). Não supõe coerência entre os dois mundos, mas, ao contrário, enfatiza a interdependência entre o espaço interno e externo, e sua comunicação simbólica e efetiva entre as favelas internas e externas aos cárceres⁹.

Cabendo, assim, tratar de dois tipos de materiais distintos, exterior, que desde o processo de industrialização nas grandes e médias cidades fomenta a formação das

⁹Através dos sistemas celulares que, em certo sentido, se transformam e uma arte do fazer entrá-los, no interior institucional.

favelas externas, a confrontar discursos que ouvia e práticas no interior das favelas internas ao cárcere, e ao contrário, representações que forneciam evidências da lógica sobre as duas fábricas. “O ideal, para manter juntos dois aspectos da realidade” (WEBER, 2009: 17), dois pesquisadores no campo uma estratégia externa, sobre cidade e as observações sobre os bairros populares, mas principalmente sobre as reformas das prisões nestas e suas reformas internas, traduzidas nos compartimentos, mas, também, no fazer em cada espaço, o que equivale a compreender a especificidade da população, a instalação e organização da produção, constituição da população operária, em nosso caso específico entrada, morte, transferências, aumento das penas¹⁰, saída, retorno.

Compreendendo as particularidades no trabalho paralelo pelo exterior da fábrica, no interior dos bairros populares, formados desde a industrialização, esclarecidos aqui pelo método etnográfico, fortalecido pelas histórias orais, dentre as memórias e esquecimentos, expondo as condições de autobiografias que influenciam os emparelhamentos de bandidos e de operários, que chegam às instituições prisionais do Serrotão, junto aos seus afazeres e que aí são cedidos em favor da direção ou dos detentos, por atitudes e aplicação de outras formas de fabricos, pois: “o pensamento é espetacularmente múltiplo como um produto, e maravilhosamente singular como processo, tornou-se um paradoxo vivo e cada vez mais poderoso nas ciências sociais, conduzindo a teoria nas direções mais inesperadas”(GEERTZ, 1998: 226), relacionando-os com determinados significados culturais e tornando o problema mais maleável para descobrir como se organizam os significados, sob base de “uma matriz disciplinar” (GEERTZ, 1998: 227) a etnografia do pensamento marginal.

Os resultados que pude obter com minha pesquisa são de fato, indissociáveis, a meu ver, da análise de seu desenvolvimento. Embora a auto-análise sociológica do etnógrafo raramente seja efetuada, pôde-se constatar sua utilidade, ou mesmo afirmar a banalidade de seus princípios. Logo, este preâmbulo mitológico, ao mesmo tempo teórico e técnico impõe-se ainda mais (WEBER, 2009: 22).

Pois visa à descrição de um mundo específico, onde o pensamento faz algum

¹⁰Principalmente no que se refere aos castigos.

sentido e são estimulados pelos sentidos; “temores poderosos e absorventes” (GEERTZ, 1998: 228), envolvendo o tráfico com as formas simbólicas disponíveis, considerando entre essa “cognição, emoção, motivação, percepção, imaginação, memória” como próprias do local.

Consiste em navegar no paradoxo, os vendo como uma fábrica as quais eles capturam ou se entregam para “representação da autoridade, a demarcação de limites, a retórica da persuasão, a expressão de compromissos, e o registro da discordância” (GEERTZ, 1998: 229), através do desconforto de maneiras nem sempre concordantes e o medo, que é o “sumário”, deste despojo e dos que se dedicam a casos específicos.

Acabando por alterar a relação teórica com o estudo das práticas, antes entregues a passividade e à disciplina, mas que mudam de eixo passando a fluídas, localizada na individualidade, através de uma pluralidade, muitas vezes contraditória, entre os modos de operação e a ação dos sujeitos sob lógica própria; “combinatórias de operações”, levada a cabo por dominados ou consumidores, “o cotidiano se inventa com mil maneiras de caças não autorizadas” (CERTEAU, 1994: 38).